



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CLEMENTE ANTÓNIO INTSAMUELE

LOBOLO DE CADÁVER: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE
OS PRECEITOS DESTA PRÁTICA NA CIDADE DE MAPUTO

Supervisor: Dr. Lucas Tsamba

Maputo, Setembro de 2012

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CLEMENTE ANTÓNIO INTSAMUELE

LOBOLO DE CADÁVER: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE
OS PRECEITOS DESTA PRÁTICA NA CIDADE DE MAPUTO

Monografia apresentada para obtenção do grau de licenciatura em Sociologia, pela
Universidade Eduardo Mondlane, supervisionada por Dr. Lucas Tsamba.

Maputo, Setembro de 2012

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CLEMENTE ANTÓNIO INTSAMUELE

LOBOLO DE CADÁVER: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE OS
PRECEITOS DESTA PRÁTICA NA CIDADE DE MAPUTO

Supervisor: Dr. Lucas Tsamba

Maputo, Setembro de 2012

O Júri

Presidente

Supervisor

Oponente

Declaração

Eu, **Clemente António Intsamuele**, declaro que esta monografia nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau e que ela constitui o resultado da minha investigação, estando indicadas na bibliografia as fontes por mim consultadas.

.....

(Clemente António Intsamuele)

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais **António Mendes Wane** e **Celeste Cabral Novela**, que fizeram de mim uma criança feliz.

Agradecimentos

Quero, de forma particular e especial, agradecer:

Ao meu pai António Mendes Wane e a minha irmã Olga de Jesus, que não tem a oportunidade de presenciar este momento importante da minha vida.

A minha mãe, Celeste Cabral Novela, a minha namorada Lurdes Matsimbe, meus irmãos Guilherme, António, Arlinda, Isabel, Quitéria e Eduardo, meus sobrinhos Lulu, Camacho, cunhados Lucas, Rui, e Magda.

Ao Dr. Lucas Tsamba, pela sua dedicação e disponibilidade para minha orientação na elaboração deste estudo.

Aos docentes dos Departamentos de Administração pública, Ciência política, Antropologia e Sociologia, com destaque para estes últimos que me introduziram as problemáticas e desafios das ciências Sociais.

Ao professor Adriano Maurício que me introduziu à Sociologia e marcou me pelos textos de Peter Berger: “A sociologia como forma de consciência” e “A sociologia como passatempo individual”.

Ao Dr. Neto Sequeira e à Dra. Judite Chipenembe que, de forma pedagógica e cuidadosa, me ensinaram a realizar pesquisas.

À Dra. Rehana Capurchande e ao Dr. Baltazar Muianga, que me introduziram a Sociologia da Família e da cultura respectivamente, cadeiras que me despertaram uma paixão pelo estudo das representações sociais do lobolo de cadáveres.

Seria injusto terminar os agradecimentos sem endereça-los ao Domingos Mazoio, pelo apoio imensurável e a Olga Mutemba que contribuiu na correcção do trabalho, ao Nazaré pelo apoio na identificação de alguns entrevistados,

Aos colegas do curso e aos meus entrevistados “Kanimambo”.

Epigrafe

“A ciência começa e termina com problemas”

Karl Popper (1996, p.190)

Índice de Tabelas

Tabela.1: Distribuição dos inquiridos por sexo

Tabela.2: Distribuição dos inquiridos por estado civil

Tabela.3: Distribuição dos inquiridos por idades

Tabela.4: Distribuição dos inquiridos por nível escolar

Tabela.5: Distribuição dos inquiridos por distrito Municipal

Tabela.6: Nível de conhecimento da prática do lobolo do cadáver

Tabela.7: Meio através do qual ouviu falar do lobolo

Tabela.8: Motivos para a exigência do lobolo do cadáver

Tabela.9: Razões da aceitação do lobolo do cadáver

Tabela.10: Causas que levam o noivo a não realizar o lobolo

Tabela.11: Causas dos conflitos na exigência do lobolo de cadáveres

Tabela.12: Alegações dadas no acto de exigência do lobolo do cadáver

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Distribuição percentual dos inquiridos por Sexo

Gráfico. 2: Distribuição percentual dos inquiridos por Estado Civil

Gráfico.3: Distribuição percentual dos inquiridos por idades

Gráfico.4: Distribuição percentual dos inquiridos por nível escolar

Gráfico.5: Distribuição percentual dos inquiridos por locais de residência

Gráfico.6: Nível de conhecimento do lobolo do cadáver

Gráfico.7: Meio através do qual tomaram conhecimento do lobolo do cadáver

Gráfico.8: Motivos para a exigência do lobolo do cadáver

Gráfico. 9: Razões da aceitação do lobolo do cadáver

Gráfico.10: Causas que levam o noivo a não realizar o lobolo do cadáver

Gráfico.11: Causas que levam o noivo a não realizar o lobolo do cadáver

Gráfico.12: Alegações dadas no acto de exigência do lobolo do cadáver

Resumo

Esta monografia é resultado de um estudo realizado em cinco Distritos da cidade de Maputo, com o tema lobolo de cadáver, um estudo das representações sociais sobre os preceitos desta prática na cidade de Maputo. Na região Sul de Moçambique, onde esta prática é comum, o lobolo é entendido como um mecanismo socialmente aceite para a união de duas pessoas (um homem e uma mulher). A não observância desta prática tem resultado, nalgumas vezes, em conflitos sociais envolvendo a família da noiva e do noivo que, em certos casos, culmina com a exigência do lobolo de cadáver da mulher. Neste estudo procurou-se analisar esta realidade procurando entender os elementos sociais que concorrem para a fomentação desta prática, no contexto actual, recorrendo à abordagem qualitativa e quantitativa. No trabalho partiu-se do pressuposto de que as representações sociais sobre os preceitos desta prática propiciam a continuação desta prática no seio das famílias Moçambicanas. Os aspectos tradicionais e a forma como os indivíduos são socializados são alguns dos aspectos que concorrem para a fomentação desta prática na cidade de Maputo. A socialização dos indivíduos com base nos princípios tradicionais que defendem que uma mulher deve ser lobolada e a crença de que o lobolo garante a protecção dos filhos do casal dos maus espíritos e da não caducidade do lobolo, propiciam a realização desta prática. O estudo constatou ainda que as famílias que exigem a realização do lobolo de cadáveres acreditam que estão a preservar uma tradição que deve ser cumprida e respeitada de modo a garantir a protecção dos filhos do casal, dos maus espíritos e outros males sociais como falta de emprego e/ou Azar.

Palavras-chave: Lobolo; Lobolo de Cadáver e Representações sociais.

Abstract

This monograph results from a study carried out in five districts of Maputo town about social performances regarding precepts of bride price throughout Maputo town. In Mozambique bride price is known as lobolo, it's conceived as a mechanism which is socially accepted for the coupling joint in other words engagement between a man and a woman. The non- observance of this practice can create conflicts between both woman and man families and in case o a woman passing away sometimes the husband is obliged to fulfil this practice before the funeral.

Therefore, the main objective of this study was to understand clearly the social reasons why some people demand bride price for dead body in present context resorting qualitative approaches. This assignment was done from the suppositions that social performances concerning with the precept of bride price of dead body propitiate the continuation of this practice among Mozambican families.

Traditional aspects and the way how people are socialized are some of the aspects which foment the practice of bride price of dead body in Maputo town, people are socialized basing on traditional principles which defend that bride price is duty and the belief that bride price guarantees that children of the couple are protected from the evil spirits and caducity of bride price.

In addition the study found that the families who demand bride price of dead body believe that they are keeping safe that the tradition must be fulfilled and respected in order to protect the children of couple from evil spirits and some other problems such as unemployment and or bad-luck.

Keywords: Lobolo; Bride price for dead body; Social Representations

Índice

Introdução	10
Capitulo I: Problema e Hipótese	11
1.1 Enquadramento teórico e conceptual	17
1.1.1 Teoria de base.....	17
1.1.2 Definição de Conceitos	18
Capitulo II: Metodologia.....	20
2.1.1 O trabalho de Campo	22
Capitulo III: Apresentação, análise e discussão dos Resultados.....	23
3.1 Apresentação e análise dos resultados	23
3.1.1 Perfil dos entrevistados	23
3.2 Discussão e Interpretação dos Resultados.....	36
3.2.1 Representações sociais sobre o lobolo de cadáver.....	36
3.2.2 Lobolo de cadáver e razões da sua exigência	41
Conclusão.....	43
Referências Bibliográficas	45
Anexos	46

Introdução

Lobolar cadáver é uma prática comum em Moçambique, com particular enfoque na região Sul do país. O interesse pelo tema, foi sendo cultivado ao longo da minha formação académica, fruto de uma vida e de uma socialização que este tipo de cerimónias era comum e, também, pelo facto de constituir uma das formas mais comuns de união de duas pessoas e famílias, na maioria dos casos em Moçambique. Na revisão bibliográfica notamos que já constitui uma área explorada nas ciências sociais, particularmente na Antropologia, isso condicionou a nossa opção pelo estudo do lobolo de cadáver, de modo a responder o enigma que pairava e como forma de trazer mais um elemento de reflexão no campo de Sociologia.

O objectivo geral deste trabalho consistiu em analisar as representações sociais sobre os preceitos do lobolo de cadáver e sua relação com os conflitos que o tem caracterizado, na cidade de Maputo. Especificamente pretendeu-se: compreender os elementos sociais que concorrem na fomentação desta prática nos distritos municipais de Ka Mpfumo, Nhlamankulu, Ka Maxakeni, Ka Mavota e Ka Mubukwana.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo fazemos a formulação do problema que inclui a revisão de literatura que nos permitiu verificar o que já foi escrito sobre o nosso tema de pesquisa e o enquadramento teórico e conceptual que nos permitiu analisar os dados empíricos do campo. No segundo capítulo apresentamos a metodologia que compreende, as técnicas usadas para a colecta de dados, os métodos de abordagem e de procedimento, entre outros. No terceiro capítulo, o último temos a apresentação, análise e interpretação dos resultados, que se encontra dividido em duas partes nomeadamente: apresentação do perfil dos entrevistados e a discussão e interpretação dos resultados. A seguir apresentamos as conclusões do estudo e por último temos as referências bibliográficas.

Capítulo I: Problema e Hipótese

Neste estudo partiu-se do pressuposto de que as representações sociais sobre os preceitos que norteiam o lobolo de cadáver propiciam a realização desta prática no seio das famílias Moçambicanas. Assim, os aspectos tradicionais e a forma como os indivíduos são socializados estimulam a fomentação desta prática entre as famílias nos cinco Distritos da cidade de Maputo, que constituíram o nosso universo físico de colecta de dados.

O artigo de opinião de Mundlhovo (2012), pode ser apresentado em duas linhas paralelas. Primeiro, o autor discute a realização do lobolo de pessoas vivas, onde a mulher é entendida como aquela figura que está obrigada a dar filhos ao marido. Para tal, o autor, recua para a antiguidade pegando alguns exemplos que mostram que, nessa época, uma mulher que não pudesse ter mais filhos, era frequente o homem lobolar uma segunda esposa, para poder continuar a fazer filhos. Ou seja, está aqui presente a ideia de conceber a mulher como uma máquina reprodutiva e que, quando para de produzir, pára de ter valor. Num segundo momento, o autor refere-se aos casos em que a mulher acaba morrendo sem se realizar o lobolo e, quando a família do marido vai informar aos parentes da esposa sobre a morte da filha, é lhes exigido o lobolo do cadáver e, só depois do cumprimento deste acto é que se realiza o funeral. O autor conta uma experiência pessoal onde afirma ter sido exigido o lobolo de cadáver da sua esposa no ano de 2011, cuja morte foi causada por motivos de doença. De acordo com o autor, já havia realizado o lobolo e só faltavam dois meses para o casamento oficial (civil ou religioso), onde lhe foi exigido a entrega do vestido do casamento e a realização do funeral no Distrito de Zavala, na província de Inhambane, caso contrário devia pagar vinte mil meticais.

Portanto, apesar de, o autor ter sido exigido o lobolo de cadáver e, falar deste tipo de prática não faz uma análise sobre as representações sociais que estão por detrás desta prática, limita-se a narrar o que aconteceu e testemunhar a existência desta prática no seio das famílias moçambicanas.

Num artigo publicado do Jornal ZAMBEZE, Matusse (2011), mostra que na antiguidade o lobolo de cadáver ou à cova era aplicado com ponderação para punir quem, tendo mesmo condições para o fazer, não tivesse lobolado a sua esposa em vida. Porém, hoje esta prática é

feita com uma certa dose de oportunismo e ajuste de contas inconfessáveis. Para Matusse (2011), o lobolo de cadáveres sob ponto de vista moral é condenável, mas efectivamente isto está previsto nas normas sociais de alguns grupos étnicos.

Nesta narrativa, o autor procura defender que esta prática deve continuar e a sua realização está circunscrita nas normas sociais das famílias com a tradição de lobolo, entretanto ele não apresenta as representações sociais dos preceitos que fomentam esta prática, limitando-se apenas em afirmar que está previsto nas normas sociais.

Licusse (2012), num artigo intitulado, *lobolo do defunto não deve ser permitido*, publicado no jornal notícias, o autor analisa a incompatibilidade desta prática com a legislação Moçambicana, concretamente a lei da família (Lei n.º 10/2004, de 25 de Agosto). Defende que o lobolo de cadáver não deve ser permitido na medida em que viola o artigo 7 da lei da família, que considera o casamento como uma união voluntária e singular entre o homem e a mulher, com o pressuposto de constituir uma família. Assim ele questiona como é que alguém vai constituir família com uma pessoa já morta? Segundo este autor, tem havido controvérsias na prática do lobolo de cadáver, pois um grupo de indivíduos na sociedade defende esta prática na medida em que considera que a mulher teve cessação da sua personalidade jurídica sem que em vida tenha contraído o casamento tradicional. No seu entender o lobolo constitui um castigo para o noivo e à sua família, devendo esta indemnizar a família da falecida mediante o pagamento de um certo valor monetário cuja estipulação provém da família da falecida.

Um outro elemento que não pode ser deixado de lado, é trazido pelo cantor Sul-africano, conhecido por General Música, numa das suas composições intitulada, *wassati wa lovoliwa*, traduzida (uma mulher deve ser lobolada). O cantor faz uma breve descrição de como o processo do lobolo de cadáver acontece, e que passo a citar o conteúdo dessa música:

“Quando convidas uma mulher a viver consigo, sem ter lobolado, caso aconteça algum mal, ou morte pagarás caro, pois a família dela exigirá dinheiro do Lobolo e para a realização do funeral. Por outro lado os seus cunhados vão impor para que não se realize o funeral antes do pagamento do Lobolo do cadáver. Vais começar a chorar, pedir ajuda e fazer empréstimos, mas não vais achar uma solução. Enquanto isso os seus cunhados estarão de longe a dizer que não há funeral sem Lobolo” (Música, 2008)¹.

¹ Tradução do autor “Wassati wa Lovoliwa”

Licusse (2012), cinge-se mais na legalidade e na ilegalidade da prática do lobolo de cadáver, recorrendo por um lado a questões tradicionais e por outro a jurídicas. Portanto, constata-se que, estas narrativas não procuram entender os preceitos que levam as famílias a exigirem o lobolo de cadáver.

Os estudos sobre o lobolo em Moçambique, mostram que esta prática verifica-se mais nas comunidades da Região Sul do país. Estes estudos preocupam-se em abordar apenas o lobolo que envolve duas pessoas vivas (homem e mulher). No seu estudo, realizado na cidade de Maputo, no Bairro de Xipamanine, no distrito de Nhlamankulu, Granjo (2005), centra-se na caracterização do lobolo frisando que este é considerado um tipo de casamento que muitas mulheres da Região Sul têm se socorrido, em virtude de desenvolverem relações conjugais formais. Nesse estudo, o autor procura descrever a cerimónia do lobolo, tendo como base um lobolo por ele presenciado neste mesmo Bairro, na cidade de Maputo e, na sua observação constata algumas mudanças que se registaram no acto da realização desta cerimónia como é o caso do abandono do lobolo feito em gado bovino e enxadas de aço, para um lobolo cuja base é o dinheiro (monetarização do lobolo). Portanto, nesse estudo, o autor não faz análise nem referencia sobre o lobolo de cadáver, como é nossa intenção neste estudo, discute apenas alguns aspectos que, podem ser resumidos em uma caracterização deste tipo de prática.

Um outro estudo que mereceu a nossa atenção foi da WILSA (2001). Nesse estudo, WILSA (2001), constata que na região Sul de Moçambique, o lobolo estabelece a união entre duas famílias e serve, por sua vez, para o irmão da mulher e o pai adquirirem esposa. A WILSA (2001), é da opinião que o lobolo tem um duplo significado. O primeiro seria de âmbito *material*, ao representar a transferência de poderes da família da mulher para o marido, responsabilizando aos parentes do marido pelo seu sustento, onde a mulher aparece como propriedade colectiva da nova família. O outro significado é *simbólico*, na medida em que a submissão da mulher passa pela sua “desidentificação” enquanto pessoa e pela restrição do seu papel à esfera doméstica.

Este estudo aborda o lobolo e o seu significado, numa vertente das desigualdades sociais nas relações entre homens e mulheres, não há neste estudo uma preocupação de analisar as representações sociais sobre os preceitos do lobolo de cadáver.

Bagnol (2008), é outra autora por nós consultada que no seu estudo intitulado “*Lovolo*² e espíritos no Sul de Moçambique” procurou perceber, numa perspectiva diacrónica, as transformações que o lobolo sofreu, e perceber as razões que norteiam a importância que os actores sociais das zonas urbanas continuam a atribuir aos rituais e à oferta de bens associados ao lobolo perante as pressões da modernização. No entender desta autora, o lobolo permite estabelecer uma comunicação entre os vivos e os seus antepassados e o restabelecimento da harmonia social. Dessa forma, o lobolo inscreve o indivíduo numa rede de relações de parentesco e de aliança tanto com os vivos como com os mortos. Este é parte da identidade individual e colectiva, ligando os seres humanos e mortos numa rede de interpretações do mundo e num conjunto de tradições em contínuo processo de transformação. A autora mostra ainda que a não realização do lobolo provoca problemas relacionados com a infertilidade, doenças e até mortes. Estes problemas segundo crenças das sociedades, são causados pelos antepassados da mulher devido a sua ausência na família, sendo que o lobolo é para que os espíritos não sintam falta da filha devido a sua saída. O lobolo estabelece uma relação entre o casal, as famílias e os antepassados, sendo que para aqueles que os laços com as raízes ancestrais são fundamentais, a realização do lobolo é de importância primordial.

Neste estudo, pese embora a autora, tenha se preocupado em compreender as razões que norteiam a importância que os actores sociais das zonas urbanas continuam a atribuir aos rituais e à oferta de bens associados ao lobolo perante as pressões da modernização, ela não aborda estas questões no contexto do lobolo de cadáveres, centra-se apenas no lobolo de duas pessoas em vida.

Para Junod (1996), mais um autor por nós consultado, o costume do lobolo, inventado por uma sociedade que ainda está no estado colectivo, é incompatível com as concepções esclarecidas da civilização ocidental, com a sua política e as ideias da vida civil, com a sua religião, por ser inspirado por uma concepção do ser humano que pertence a uma outra idade. No estudo o autor constata que a pós o lobolo, a mulher pertence ao marido e os filhos pertencem ao pai e, aqui o filho-homem é mais valorizado, ou seja, o rapaz é visto como mais um membro do clã, que deve

² Espécie de dote que o noivo (ou a sua família) dá à família da noiva para que o casamento seja legítimo.

perpetuar e garantir a existência da família e a sua glória, e a rapariga como um meio para adquirir uma mulher para o rapaz. A mulher é vista por Junod (1996), como uma porção da propriedade familiar, que se adquire pelo lobolo e que, é por conseguinte herdada por outros homens quando o marido morre. Neste estudo, o autor preocupou-se apenas em registar o lobolo comparando com os usos e costumes ocidentais. Na sua etnografia também não faz menção ao lobolo de cadáver e suas racionalidades.

Durante a revisão da literatura constatamos que os estudos existentes sobre o lobolo incidem mais sobre o lobolo que envolve pessoas vivas e a sua função social. Nesses estudos a questão do lobolo de cadáver é pouco abordada e, mesmo aqueles autores que chegam a fazer menção ao lobolo de cadáver, não o fazem no sentido de compreender o que condiciona as representações que as pessoas têm e/ou fazem desta prática, por isso nos propusemos a analisar as representações sociais sobre os preceitos do lobolo de cadáver com intuito de aprofundar o assunto e percebermos a ligação entre as representações e a realização desta prática. Desta forma, nasce aqui a nossa questão:

De que forma as representações sociais sobre os preceitos do lobolo de cadáver propiciam a realização desta prática entre as famílias moçambicanas na cidade de Maputo?

Os valores culturais que defendem a prática do lobolo, transmitidos durante a socialização dos indivíduos orientam a realização do lobolo de cadáver. Pretende-se aqui constatar se os *valores culturais* (**variável independente**) auxiliam ou têm alguma relação com a realização da prática de *lobolo do cadáver* (**variável dependente**), no seio das famílias. Ou seja, analisar como é que a defesa dos aspectos considerados tradicionais é usada como justificativa para a fomentação desta prática na cidade de Maputo.

A escolha deste tema, justifica-se pelo facto de, nos últimos anos, ter-se assistido alguns conflitos que tinham como causa principal a exigência da realização do lobolo de cadáver e, pelo facto de, não encontrarmos uma explicação sobre o significado e a pertinência deste tipo de práticas. Porém, é de salientar que tornou-se imperioso e importante estudar as representações sociais sobre os preceitos desta prática na medida em que, primeiro os estudos sobre o lobolo não abordam o lobolo de cadáver, e isso testemunhou-se durante a revisão de literatura, o outro

aspecto não menos importante é que compreendendo o que propicia esta prática, isso poderá despertar algum debate no seio académico e/ou mesmo nas próprias comunidades onde esta prática é comum, sendo este estudo uma fonte de arquivo para a Universidade Eduardo Mondlane. Portanto, este é um estudo pioneiro ao nível do Departamento. De forma pessoal, o estudo vai contribuir na clarificação de um enigma que já foi deixado claro pela questão levantada na apresentação do problema deste estudo. Quanto à própria sociedade acredita-se que este estudo poderá servir de um instrumento de consciencialização sobre os efeitos desta prática no seio da família e/ou mesmo da comunidade.

A cidade de Maputo, local que decorreu o nosso estudo é um dos lugares onde a prática do lobolo de cadáver é realizada com muita frequência e que, em muitas ocasiões, termina em conflitos, o que condicionou a nossa escolha como o lugar de pesquisa.

1.1 Enquadramento teórico e conceptual

1.1.1 Teoria de base

Para os efeitos de orientação deste estudo usamos como nosso fio condutor a fenomenologia de Alfred Shutz, (Shutz apud Crespi, (1997), procura compreender os processos através dos quais constituem-se as vivências significativas e a relação entre acção e sentido. Segundo Shutz apud Crespi (1997), devemos nos interrogar sobre como nascem os significados, distinguindo, na atribuição do significado, entre o agir enquanto decurso e enquanto acção realizada, entre o sentido presente no produzir e o presente no produto, isto é, entre o sentido da acção para aquele que a realiza e o sentido da mesma acção para aquele que a observa (Auto compreensão e hetero-compreensão).

Para o autor, o significado que a acção possui para um determinado actor pode não ser o mesmo significado que essa mesma acção tem para a quem se dirige. Para além disso Shutz apud Crespi (1997), sublinha a importância da dimensão cultural do agir, isto é, o significado de uma acção pode variar, conforme a referência dos indivíduos dos quais possui a experiência directa no meu ambiente social actual mas também para o indivíduo que realiza a acção, ela pode ter um significado diverso: antes de realizar (como projecto); enquanto a coloca em acto (como vivência) e depois de a acção ser realizada, isto é como memória.

No que tange ao conceito de intencionalidade de Edmund Husserl, Shutz apud Crespi (1997) concebe o agir como o resultado de uma íntima ligação entre acção e significado. O significado tem a sua origem, enquanto sentido subjectivo. Neste nível o sentido subjectivo do agir individual mantém-se na generalidade inacessível à compreensão do outro. Pelo contrário, a nível social, o significado de uma acção é interpretado imputando-se de modo geral, à consciência alheia o sentido objectivo que se constitui em formas culturalmente codificadas. Por esta razão ocorre manter distintas as interpretações feitas reflexivamente pelo mesmo sujeito, agente sobre as suas acções, pelas interpretações que, de tais acções podem ser dadas por um observador externo. É desta forma que Shutz, coloca as premissas para uma compreensão dos processos que se encontram na origem da cultura, enquanto fenómeno de objectivação e

generalização através de significados que nascem inicialmente na intencionalidade própria da consciência. No entender de Crespi (1997), a teoria de Shutz, reconhecendo a importância da experiência subjectiva permite avançar uma explicação sobre a génese da cultura, esta considerada como sendo resultado de uma abstracção e da generalização de significados inicialmente presentes nas vivências individuais concretas.

Este modelo teórico ajuda-nos a analisar as representações sociais do lobolo de cadáver na cidade de Maputo, pois esta teoria permite nos buscar o significado subjectivo que os indivíduos atribuem a prática do lobolo de cadáver a partir da sua experiência subjectiva que nos permitirá compreender.

Esta teoria permite-nos também perceber os processos através dos quais se constituem as vivências significativas do lobolo de cadáver, a relação entre o acto de exigir a celebração desta prática e o sentido que os indivíduos atribuem. Na lógica da fenomenologia só podemos perceber o lobolo de cadáver fazendo uma imersão profunda nas representações sociais dos preceitos que fomentam o lobolo de cadáver, os significados subjectivos que os indivíduos têm sobre a prática, pois é a partir da subjectividade que se explica o significado socialmente partilhado.

1.1.2 Definição de Conceitos

No presente estudo usamos três conceitos básicos que de seguida são definidos para uma melhor percepção: *Representações Sociais; Lobolo e Lobolo de cadáver.*

Representações Sociais

Segundo (Moscovici, 1976 apud Castro (2002), as representações são um conjunto de proposições, acções e avaliações emitidas pela opinião pública, que estão organizadas de formas diversas, segundo as classes, as culturas ou os grupos, e constituem outros tantos universos de opiniões. Cada um destes universos, por sua vez, tem três dimensões, nomeadamente: a atitude, a

informação e o campo da representação. A informação tem a ver com os conhecimentos, a atitude com a orientação global, avaliativa, em relação ao objecto, e é uma organização psíquica que pode ter uma orientação positiva ou negativa. O campo da representação, por sua vez, reenvia para a ideia de imagem, como conteúdo concreto das proposições que têm a ver com um aspecto específico do objecto da representação. Segundo o autor a representação social compreende um sistema de valores, de noções e de práticas relativas a objectos sociais, permitindo a estabilização do quadro de vida dos indivíduos e de grupos, constituindo um instrumento de orientação da percepção das respostas e contribuindo para a comunicação dos membros de um grupo ou de uma determinada comunidade.

Lobolo

Segundo Bagnol (2008), trata-se de um termo usado para se referir ao casamento costumeiro, bem como os presentes que a parentela do noivo oferece à da noiva. Por seu turno Granjo (2005), considera que o lobolo não passa de uma simples compensação que se dá à família da noiva.

Lobolo de cadáver:

É importante referir que não encontramos na literatura o conceito de lobolo de cadáver mas para os objectivos deste estudo, consideramo-lo como uma prática social equiparada ao casamento, diferindo do simples lobolo na medida em que o de cadáver envolve um homem vivo e o cadáver de uma mulher. Neste lobolo paga-se um valor monetário e outros bens exigidos pela família da mulher como compensação, para além de custear as despesas da cerimónia fúnebre.

Capitulo II: Metodologia

Neste estudo de carácter qualitativo usamos o método de abordagem, *indutivo*, que parte do particular deixando a generalização para o período posterior do trabalho de colecta de dados particulares.

Em termos de procedimento optamos pelo método monográfico que nos permitiu a realização do estudo das representações sociais do lobolo de cadáver em profundidade, envolvendo onze (11) entrevistados, residentes nos distritos de Ka Mfumo, Ka Lhamanculo, Ka Maxaquene, Ka Mavota, Ka Mubukuana na cidade de Maputo.

Em termos de técnica de recolha de dados optamos pela entrevista. Segundo Gil (1999), a entrevista é um encontro entre duas pessoas, afim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.

Segundo (Good e Hatt, 1969 apud Marconi e Lakatos, 2007), a entrevista consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo acto social como a conversação. Trata-se de uma conversação efectuada face a face, de maneira metódica que proporciona verbalmente ao entrevistador a informação necessária.

Para a condução das nossas entrevistas elaboramos um guião composto por onze perguntas, o que permitiu a obtenção de informações em torno do assunto em estudo.

Uma vez que se tratava de um estudo pioneiro e que pretendíamos colher mais informação sobre as representações sociais do lobolo de cadáveres, usamos a entrevista não estruturada. Este tipo de entrevista permite que durante a recolha de dados de campo os entrevistados se expressem livremente e completamente as suas opiniões em torno de cada pergunta que realizamos. Este facto contribuiu para que as entrevistas durassem cerca de trinta minutos, pois por vezes terminávamos a entrevista entretanto o entrevistado continuava com a conversa e fornecia novos dados sobre o lobolo de cadáver.

A entrevista não estruturada permitiu-nos a obter uma visão geral do problema que pesquisávamos, bem como a identificação de alguns aspectos da personalidade dos nossos entrevistados.

No que se refere a amostra, neste estudo das representações sociais sobre os preceitos que fomentam a realização do lobolo de cadáveres, usamos a amostra aleatória simples que no entender de Gil (1999), consiste em atribuir a cada elemento da população um número único para depois seleccionar alguns desses elementos de forma casual. Os entrevistados neste estudo são indivíduos que foram exigidos o lobolo de cadáveres, os que já estiveram envolvidos e dirigiram estes casos, sendo que para a sua identificação usamos o método da bola de neve, isto é, depois da realização da primeira entrevista, perguntamos o entrevistado se conhecia outras pessoas que já foram exigidas o lobolo de cadáver ou que já participaram na realização desta prática. A amostra foi de onze (11) entrevistados com vista a explorar com profundidade o assunto em estudo e vinte (20) inquiridos com vista a aferir o nível de conhecimento dos indivíduos em relação aos preceitos que fomentam o lobolo de cadáveres na cidade de Maputo, o que revela que na sua totalidade a amostra é de trinta e um (31). A amostra relativa ao número de entrevistados, foi composta por oito (8) indivíduos de sexo masculino e três do sexo feminino, sendo na sua maioria os indivíduos do sexo masculino (8), devido ao facto de termos sido indicados mais homens do que mulheres que já participaram ou acompanharam a cerimónia do lobolo de cadáver, mas também justifica-se pelo facto de esta prática só se realizar apenas quando morre a mulher. Em termos de religião todos entrevistados são cristãos, pese embora frequentem diferentes Igrejas.

Já no que tange ao estado civil, constatamos que cinco (5) entrevistados são solteiros; cinco (5) casados e um é viúvo, sendo na sua maioria indivíduos que desenvolvem as suas profissões no sector informal, um no sector privado e um no aparelho de estado. Em termos de habilitações literárias, cinco (5) entrevistados, tem o nível de escolaridade abaixo da 10ª Classe, três (3) não frequentaram a escola, um (1) tem a 12ª Classe, dois tem o ensino Superior.

2.1.1 O trabalho de Campo

O trabalho consistiu na identificação dos entrevistados, no caso concreto das pessoas que em algum momento da sua vida estiveram envolvidas no lobolo de cadáver. Este trabalho de identificação consistiu em fazer consultas nas comunidades de cinco distritos municipais da cidade de Maputo, nomeadamente Ka Mfumo; Ka Lhamanculo; Ka Maxaquene; Ka Mavota e Ka Mubukuana, onde procurávamos saber se tinham conhecimento da prática do lobolo de cadáver e se conheciam algumas pessoas que já estiveram envolvidas nesta prática, sendo que os indivíduos que respondiam satisfatoriamente as nossas perguntas colocávamos-os como nossos pontos focais. De seguida começamos a realizar as entrevistas mantendo contactos com os próprios entrevistados. Importa frisar que nem todas as entrevistas foram realizadas nos dias previamente marcados devido a vários factores como a ausência do entrevistado no local combinado ou a falta de anuência do responsável pela família.

O principal constrangimento que enfrentamos durante a realização da nossa pesquisa, foi a identificação dos indivíduos que em algum momento estiveram envolvidos ou acompanharam uma cerimónia de lobolo de cadáveres e a sua disponibilidade em colaborar, pois na sua maioria alegavam que tratava-se de um assunto familiar pelo que não podiam disponibilizar informações sobre o tema. Durante a realização das entrevistas dedicávamos muito tempo na explicação das razões e propósitos da nossa pesquisa pois em alguns momentos os entrevistados nos confundiam com agentes secretos da polícia da República de Moçambique. Algumas entrevistas foram realizadas depois de termos mantido dois a três contactos com os entrevistados, uma vez que alguns diziam que precisavam de consultar os filhos se podiam ou não colaborar. Para terminar importa referir que durante a realização das entrevistas constatamos que a maioria dos entrevistados tinha dificuldades em falar Português pelo que o nosso guião de entrevistas teve que ser traduzido em Shangana.

Captiulo III: Apresentação, análise e discussão dos Resultados

3.1 Apresentação e análise dos resultados

A análise, interpretação e discussão dos resultados que aqui é feita, é resultado de um trabalho empírico iniciado no mês de Março e que prolongou-se até ao mês de Maio de 2012, realizado nos distritos de Ka Mfumo, Ka Lhamanculo, Ka Maxaquene, Ka Mavota, Ka Mubukuana na cidade de Maputo.

3.1.1 Perfil dos entrevistados

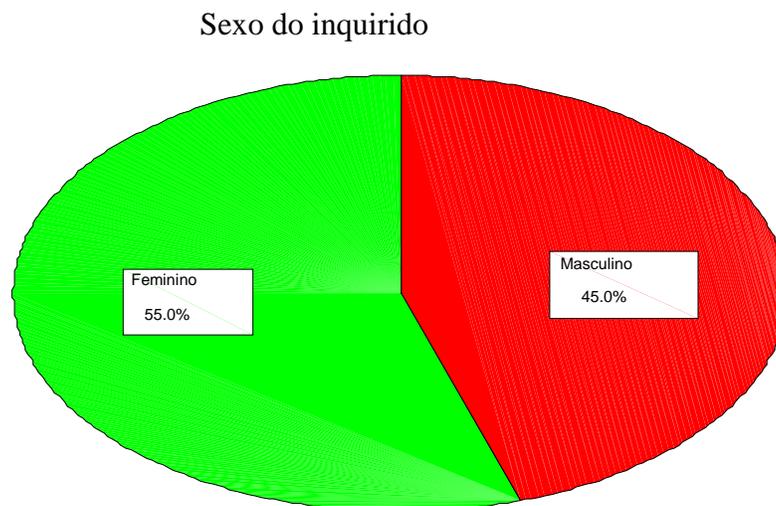
Num universo de vinte inquiridos constatamos que 55% são do sexo feminino e 45% do sexo masculino, o que revela que houve uma maior representatividade feminina na nossa amostra.

Numa situação em que foram inqueridos vinte pessoas constatamos que 55% são do sexo feminino e 45% do sexo masculino, o que revela que houve uma maior representatividade feminina na nossa amostra.

Tabela.1: Distribuição dos inquiridos por sexo

		Sexo do inquirido			
		Frequência	Percentagem	% Válida	% Acumulada
Válido	Masculino	9	45.0	45.0	45.0
	Feminino	11	55.0	55.0	100.0
	Total	20	100.0	100.0	

Gráfico 1: Distribuição percentual dos inquiridos por Sexo



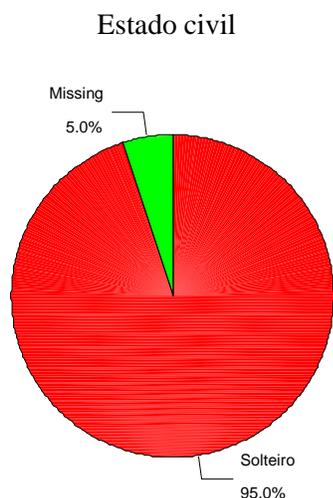
Já no que se refere ao estado civil dos inquiridos constatamos que num total de dezanove casos (19) válidos, cem por cento (100%) dos inquiridos disse que era solteiro e apenas um não declarou o seu estado (caso omissio).

Tabela 2: Distribuição dos inquiridos por estado civil

Estado civil

		Frequência	Percentagem	% Válida	% Acumulada
Valid	Solteiro	19	95.0	100.0	100.0
Missing	Nao sabe	1	5.0		
Total		20	100.0		

Gráfico 2: Distribuição percentual dos inquiridos por Estado Civil



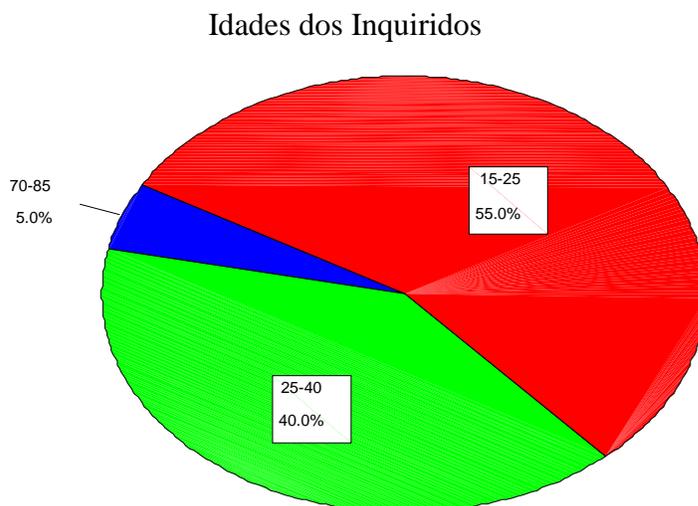
Em relação as idades dos inquiridos constatamos que 55% tem idade compreendida entre quinze à vinte e cinco anos; 40% tem entre vinte e cinco à quarenta anos e por último 5% tem entre setenta à oitenta e cinco anos de idade como sustenta a tabela e o gráfico a seguir.

Tabela 3: Distribuição dos inquiridos por idades

Idade do inquirido

		Frequência	Percentagem	% Válida	% Acumulada
Valid	15-25	11	55.0	55.0	55.0
	25-40	8	40.0	40.0	95.0
	70-85	1	5.0	5.0	100.0
Total		20	100.0	100.0	

Gráfico.3: Distribuição percentual dos inquiridos por idades

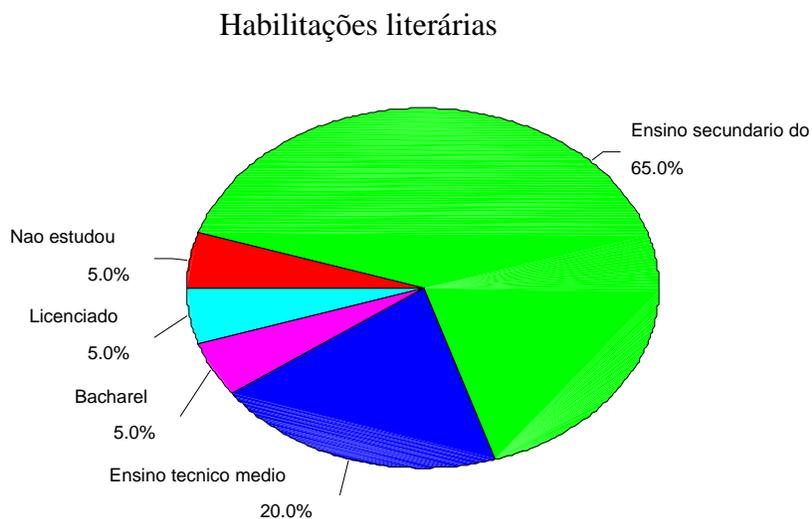


Já no que diz respeito as habilitações literárias, constatamos que num universo de vinte (20) indivíduos, 65% tem o ensino secundário do segundo ciclo; 20% tem o nível técnico médio; 5% nunca frequentou a escola; outro 5% é bacharel e por último 5% tem o nível de licenciatura, assim podemos constatar que o nível escolar dos inquiridos em nada influencia a realização do lobolo de cadáver.

Tabela.4: Distribuição dos inquiridos por nível escolar

		Habilitações literárias			
		Frequência	Porcentagem	% Válida	% Acumulada
Valid	Não estudou	1	5.0	5.0	5.0
	Ensino secundário do 2º ciclo	13	65.0	65.0	70.0
	Ensino técnico médio	4	20.0	20.0	90.0
	Bacharel	1	5.0	5.0	95.0
	Licenciado	1	5.0	5.0	100.0
	Total	20	100.0	100.0	

Gráfico 4: Distribuição percentual dos inquiridos por nível escolar

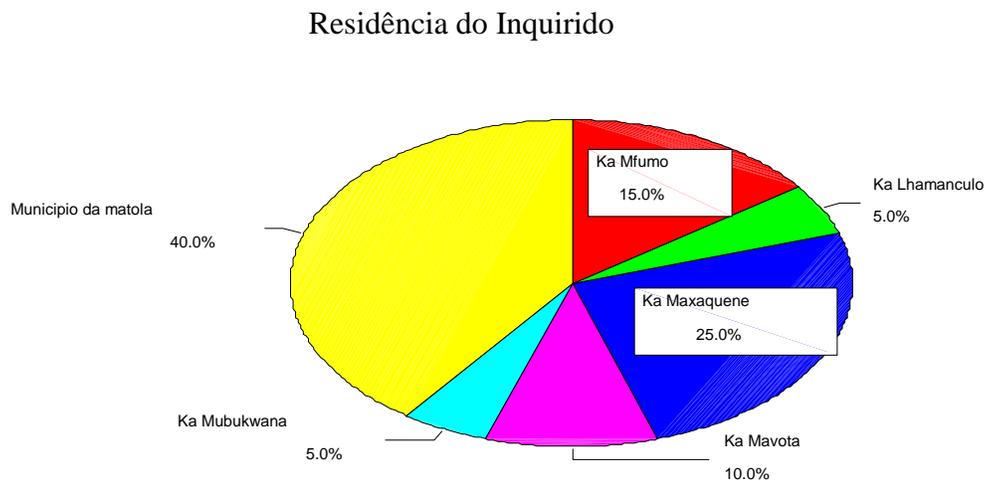


No que tange aos locais de residência dos inquiridos a distribuição obedece a seguinte sequência: 40% vive fora dos distritos da cidade de Maputo, isto é, no município da Matola; 25% vive no distrito de Ka Maxaquene; 15% vive no distrito de Ka Mfumo; 10% vive no distrito de Ka Mavota; 5% vive no distrito de Ka Lhamanculo e 5% vive no distrito de Ka Mubukwana.

Tabela 5: Distribuição dos inquiridos por distrito Municipal

		Frequência	Porcentagem	% Válida	% Acumulada
Valid	Ka Mfumo	3	15.0	15.0	15.0
	Ka Lhamanculo	1	5.0	5.0	20.0
	Ka Maxaquene	5	25.0	25.0	45.0
	Ka Mavota	2	10.0	10.0	55.0
	Ka Mubukwana	1	5.0	5.0	60.0
	Município da matola	8	40.0	40.0	100.0
	Total	20	100.0	100.0	

Gráfico 5: Distribuição percentual dos inquiridos por locais de residência



Pese embora a prática ainda não tenha sido muito abordada em estudos, ela é conhecida a julgar pelos resultados da nossa pesquisa que constatou que 95% dos inquiridos já ouviu falar desta prática e apenas 5% é que nunca ouviu falar dela, o que revela que a prática é conhecida e é reproduzida nas famílias Moçambicanas, daí que justifica-se a realização deste estudo.

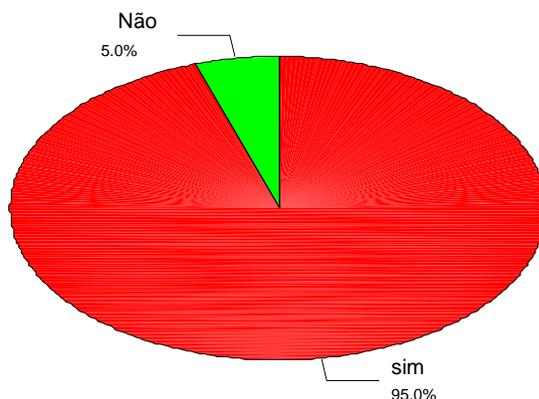
Tabela.6: Nível de conhecimento da prática do lobolo do cadáver

Alguma vez ouviu falar do lobolo de cadáveres?

		Frequência	Percentage m	% Válida	% Acumulad
Valid	Sim	19	95.0	95.0	95.0
	Não	1	5.0	5.0	100.0
	Total	20	100.0	100.0	

Gráfico 6: Nível de conhecimento do lobolo do cadáver

Alguma vez ouviu falar do lobolo de cadáveres?

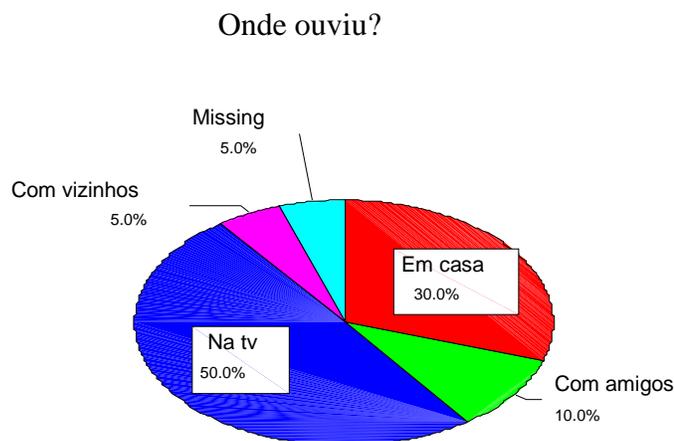


Os meios de comunicação de massa, o caso concreto da Televisão, são os que mais contribuem na divulgação de conteúdos sobre o lobolo de cadáver. A afirmação é sustentada pelo facto de no universo de 95% de pessoas ter afirmado que já tinha ouvido falar do lobolo de cadáver na cidade de Maputo, 52% disse ter tomado conhecimento através da televisão; 31% na sua casa; 10% ouviu com amigos e 5% ouviu falar com os vizinhos, como ilustra a tabela e o gráfico a seguir:

Tabela.7: Meio através do qual ouviu falar do lobolo

		Onde ouviu?			
		Frequência	Percentagem	% Válida	% Acumulada
Valid	Em casa	6	30.0	31.6	31.6
	Com amigos	2	10.0	10.5	42.1
	Na tv	10	50.0	52.6	94.7
	Com vizinhos	1	5.0	5.3	100.0
	Total	19	95.0	100.0	
Missing	Não sabe	1	5.0		
Total		20	100.0		

Gráfico 7: Meio através do qual tomaram conhecimento do lobolo do cadáver



A tabela e o gráfico acima revelam que a maioria dos inquiridos tomou conhecimento da existência do lobolo de cadáver através da televisão. Tomando em consideração que os meios de comunicação de massa têm uma maior influência sobre as pessoas, isto é, podem ser vistos como agentes da socialização, podemos afirmar que eles contribuem na transmissão dos preceitos do lobolo de cadáver e a sua reprodução nas famílias Moçambicanas.

Em relação aos motivos que levam as pessoas a exigirem o lobolo de cadáver a nossa pesquisa constatou que num universo de dezasseis (16) casos válidos e quatro (4) omissos, 37% considera que exige-se o lobolo de cadáver com vista a ajustar as contas com o noivo pelo facto de ter vivido com a defunta sem ter realizado o lobolo; 25% considera que exige-se o lobolo de cadáver com finalidade de preservar a tradição; 12% considera que é para gratificar os pais da defunta; 12% disse que o acto era para comunicar os espíritos que a mulher saiu da casa dos pais; 6% disse que exige-se o lobolo do cadáver era para preservar o costume e 6% disse que era para proteger a família dos maus espíritos.

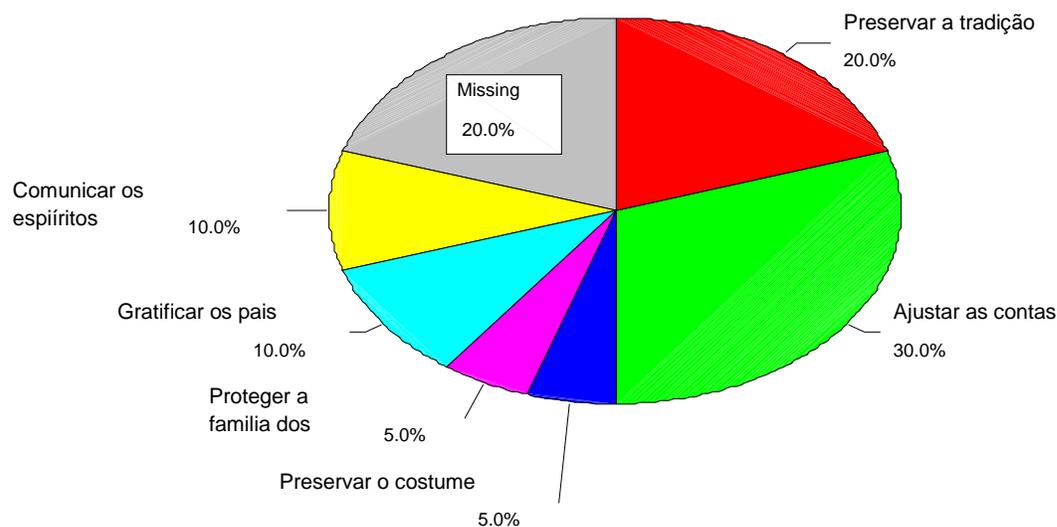
Tabela 8: Motivos para a exigência do lobolo do cadáver

Porque as pessoas exigem o lobolo de cadáveres?

		Frequência	Percentagem	% Válida	% Acumulada
Valid	Preservar a tradição	4	20.0	25.0	25.0
	Ajustar as contas	6	30.0	37.5	62.5
	Preservar o costume	1	5.0	6.3	68.8
	Proteger a família dos espíritos	1	5.0	6.3	75.0
	Gratificar os pais	2	10.0	12.5	87.5
	Comunicar os espíritos a saída da filha	2	10.0	12.5	100.0
	Total	16	80.0	100.0	
Missing	Não sabe	4	20.0		
Total		20	100.0		

Gráfico 8: Motivos para a exigência do lobolo do cadáver

Porque as pessoas exigem o lobolo de cadáveres?



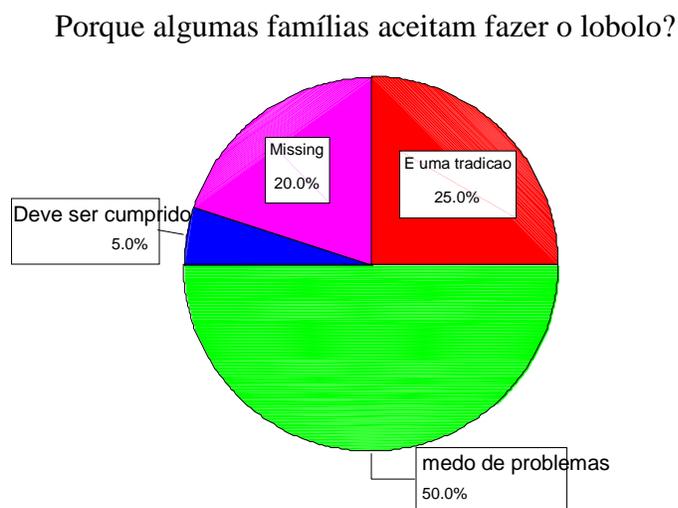
O acto de lobolar cadáver é segundo Matusse (2011), uma prática moralmente condenável e neste processo há situações em que o homem nega de realizar a cerimónia. Quisemos também perceber através do nosso inquérito as razões que levam algumas famílias Moçambicanas a aceitarem lobolar o cadáver de uma mulher num contexto em que esta prática é moralmente mal vista na sociedade. O que constatamos é que numa situação em que tivemos quatro (4) casos omissos e dezasseis (16) válidos, 63% considera que algumas famílias aceitam celebrar o lobolo de cadáver devido ao medo de enfrentar problemas sociais no seu quotidiano; 31% alega que elas aceitavam realizar o lobolo de cadáver porque se tratava de uma tradição e 6% julga que é uma regra que deve ser cumprida.

Tabela.9: Razões da aceitação do lobolo

Porque algumas famílias aceitam fazer o lobolo?

		Frequência	Percentagem	% Válida	% Acumulada
Valid	É uma tradição	5	25.0	31.3	31.3
	Medo de problemas	10	50.0	62.5	93.8
	Deve ser cumprido	1	5.0	6.3	100.0
	Total	16	80.0	100.0	
Missing	Não sabe	4	20.0		
Total		20	100.0		

Gráfico. 9: Causas que levam as famílias a aceitar fazer o Lobolo



Conforme já podemos perceber nas páginas anteriores, o lobolo de cadáver acontece num contexto em que duas pessoas (homem e mulher) se juntam sem a observância deste enquanto a mulher ainda estiver viva e quando ela morre os familiares exigem que se realize esta cerimónia. Partindo do princípio de que nada acontece ao acaso, há sempre causas profundas que sempre estão por detrás de uma acção ou comportamento, a nossa pesquisa constatou que as causas que levam o homem a não lobolar mesmo sabendo que um dia será exigido o lobolo de cadáver são: a falta de condições financeiras (41%); o facto de o valor do lobolo ser exorbitante (29%); falta de interesse (17%) e o facto de a família da esposa não facilitar o processo (11%).

Os conflitos constituem uma das características comuns durante a exigência do lobolo de cadáver. Durante a nossa pesquisa constatamos que num universo de dezanove casos válidos, 68% dos inquiridos considera que durante a exigência do lobolo de cadáver os conflitos surgem porque para o homem e a sua família não faz sentido lobolar uma mulher morta; 26% considera que os conflitos surgem porque as famílias em causa (do homem e da mulher) não partilham a mesma tradição e o significado desta prática e por último 5% disse que em muitas situações o homem não esta preparado para fazer face a exigência do lobolo de cadáver.

Tabela.11: Causas dos conflitos na exigência do lobolo de cadáveres

Porque é que surgem conflitos quando se exige o lobolo do cadáver?

		Frequência	Percentagem	% Válida	% Acumulada
Valid	Não faz sentido lobolar uma defunta	13	65.0	68.4	68.4
	O H não está preparado	1	5.0	5.3	73.7
	Não tem a mesma tradição	5	25.0	26.3	100.0
	Total	19	95.0	100.0	
Missing	Não sabe	1	5.0		
Total		20	100.0		

Gráfico.11: Causas dos conflitos na exigência do lobolo de cadáveres



Num universo de 17 casos validos, 41% considera que quando se exige o lobolo de cadáver, alega-se que a família não conhece o homem que vivia com a falecida filha; 35% disse que alega-se que o homem desrespeitou a família da mulher e 23% afirmou que alegava-se que a realização da prática visava o bem-estar dos filhos do casal.

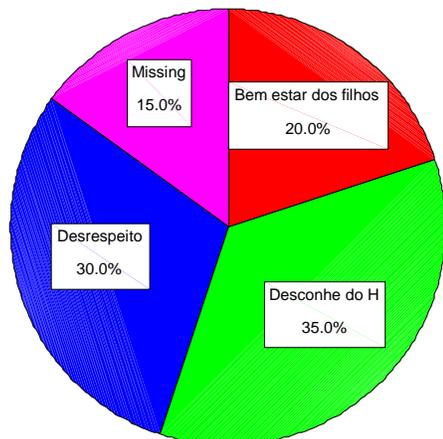
Tabela.12: Alegações dadas no acto de exigência do lobolo de cadáver

Que alegações tem sido dadas para a exigência do lobolo de cadáveres?

		Frequência	Percentage m	% Válida	% Acumulada
Valid	Bem estar dos filhos	4	20.0	23.5	23.5
	Desconhece se o viúvo	7	35.0	41.2	64.7
	Desrespeito	6	30.0	35.3	100.0
	Total	17	85.0	100.0	
Missing	Não sabe	3	15.0		
Total		20	100.0		

Gráfico.12: Alegações dadas no acto de exigência do lobolo do cadáver

Alegações para a exigência do lobolo de cadáver?



Questionados se o lobolo de cadáver devia continuar ou não, a maioria (77%), afirmou que o lobolo de cadáver não devia continuar na sociedade e 22% dos inquiridos considera que devia. Pese embora a prática seja considerada uma tradição circunscrita nas normas sociais da sociedade, 50% dos indivíduos inquiridos consideram que o lobolo de cadáver não contribui na preservação da cultura; 33% afirmou que talvez esta prática contribuía e por último 16% dos inquiridos afirmou que o lobolo de cadáver contribuía na preservação da cultura.

3.2 Discussão e Interpretação dos Resultados

3.2.1 Representações sociais sobre o lobolo de cadáver

No que refere às representações sociais sobre o lobolo de cadáver, os entrevistados consideram que se trata de um lobolo em que o homem tem que pagar, oferecer bens aos pais da mulher já morta, com vista a proteger os filhos do casal e das gerações vindouras dos maus espíritos e de outros problemas sociais como falta de emprego e azar. A fenomenologia que é o quadro teórico usado neste estudo nos ajuda a perceber que o significado subjectivo que a prática do lobolo de cadáver tem para os actores sociais, é culturalmente codificado e é em função deste significado que os actores sociais orientam o seu agir no seu quotidiano. Este conhecimento ou sentido partilhado do lobolo de cadáver segundo a nossa constatação, é baseado em experiências exteriores a eles, isto é, nasceram e encontraram este tipo de interpretações no seu meio social, pois as significações socialmente objectivadas se fundam na subjectividade. Aliás, segundo (Shutz apud Wagner, 1979), o mundo da vida quotidiana, significará o mundo intersubjectivo que existia muito antes do nosso nascimento, vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores, como um mundo organizado. Agora se dá a nossa experiencia e interpretação e toda a interpretação do mundo se baseia num estoque de experiencias anteriores aos actores sociais.

Em relação ao nível de participação dos entrevistados nesta prática, constatamos que a maioria deles já presenciou a cerimónia do lobolo de cadáver e os poucos que ainda não presenciaram afirmaram que já havia sido realizada uma cerimónia igual na sua família e outros ainda afirmaram que tinham conhecimento do assunto uma vez que durante o processo da sua socialização foram transmitidos valores com vista a defesa dos princípios do lobolo tanto em vida e na morte. Quase metade dos entrevistados afirmou que participou na realização de uma cerimónia de lobolo de cadáver pelo facto de algum parente ter sido exigido a sua realização e esta prática tem um carácter fechado, isto é, envolve apenas os membros das duas famílias em causa (Entrevista A, C, D, E e H).

Quanto à ocasião e à forma em que se realiza o lobolo de cadáver, os entrevistados afirmaram que só se realiza esta cerimónia em caso de morte da mulher, numa situação em que residiu com o marido sem ter realizado o lobolo, que inclui o ritual de "Xiguiane", que representa a transferência da noiva, da sua família para a família do marido. Entretanto, o lobolo de cadáver só acontece quando a família da mulher exige, não sendo portanto de carácter voluntário. Em muitas ocasiões quando a mulher morre em casa do marido sem ter sido lobolada, a família não reconhece a sua morte, sendo que para que haja reconhecimento exige-se que o marido lobole o cadáver da esposa. Isso pode ser constado na entrevista "C", quando um dos nossos entrevistados afirma, "isso aconteceu porque o meu filho teve relações amorosas com a esposa, sem ter se apresentado e lobolado, então assim que ela faleceu disseram que ele devia lobolar." (Entrevistado C) e, afirma acrescenta ainda que "Quando o homem não lobolou a mulher ainda em vida, enquanto tiver filhos com ela, exige-se dinheiro e vestes para a falecida, roupa para os pais, tudo aquilo que se exige no lobolo normal" (Entrevistado G)

A forma de realizar o lobolo de cadáver não difere tanto do lobolo que envolve pessoas vivas, pois é necessário reunir todos requisitos que geralmente se pede no lobolo, nomeadamente: dinheiro, roupas para os pais, avós, tias, bebidas e refrescos. "Levamos os bens e dinheiro do lobolo, depois de uma semana deram-nos uma menina de 14 anos como esposa daquele homem. Ai, tens que cumprir com todos requisitos, desde a garrafa de bebida para o Kupalha, fatos etc." (Entrevistado A).

O que diferencia este lobolo do outro tipo (de pessoas vivas) é que no de cadáver a família da mulher apenas recebe os bens e o dinheiro do lobolo, não havendo espaço para cânticos que demonstrem felicidade uma vez que ambas partes consideram que perderam um familiar.

Em termos das racionalidades que podem estar por detrás da exigência do lobolo de cadáver, alguns actores sociais defendem que a prática é exigida para suprir algumas dificuldades financeiras que a família da mulher estiver a enfrentar no momento da morte da mulher, como mostra o discurso do entrevistado H: "Certas famílias para enfrentar dificuldades financeiras ou actuais acham que talvez exigindo lobolo, porque um familiar morreu, podem estar bem pelo menos uma ou duas semanas" (Entrevistado G).

Por outro lado uma esmagadora maioria acredita que o lobolo é uma tradição que deve ser cumprida, uma vez que ela estabelece os mecanismos para que as raparigas saíam da casa dos pais e constituir uma nova família com o marido, como refere o entrevistado F...*este lobolo existe porque é uma tradição nossa como africanos. Se não fizermos isso podemos ter problemas no futuro porque a falecida manifesta-se. Temos que respeitar a tradição dos nossos antepassados...*

...isto insere-se no ritual do lobolo, está previsto nas nossas normas sociais que tem que haver lobolo se não em vida então na morte pois não há caducidade do lobolo... (Entrevistado K)

A maioria dos entrevistados considera que a prática do lobolo de cadáver na cidade de Maputo, tem a ver com motivos tradicionais do que financeiros. Esta explicação tem uma ligação com o que Schutz chamou de situação biográfica determinada, pois no seu entender todo momento da vida de um homem, é a situação biográfica determinada em que ele se encontra, isto é, o ambiente físico e sócio cultural do qual ele tem uma posição, que não se limita no espaço físico, temporal ou de status e papel dentro do sistema social mas também a sua posição moral e ideológica.

A defesa da realização do lobolo de cadáver, como algo tradicional é definida pela situação biográfica dos indivíduos, isto significa que ele tem a sua história ou é a combinação de todas experiências anteriores desses indivíduos que orienta a sua interpretação e a sua acção pois na tradição, o passado orienta o presente através de crenças e sentimentos colectivos como refere Giddens (2000)³. E no seu entender as tradições são necessárias, e persistirão sempre, porque dão continuidade e forma a vida, para além de que elas têm os seus guardiães, feiticeiros, sacerdotes e sábios que conquistam a sua posição e poder graças ao facto de serem os únicos capazes de interpretar a verdade ritual da tradição.

O facto de a tradição do lobolo antecipado, não ser obedecida pelas pessoas contribui para que o número de casos do lobolo de cadáver cresça. As mudanças que se operaram na forma como as

³ Giddens, Anthony. Tradição. In: O mundo em descontrolo: O que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2000. Pp.47-60

mulheres vão ao lar actualmente, fazem com que não haja lobolo (de pessoas vivas), criando espaço para a existência do lobolo de cadáver. Segundo os entrevistados, hoje verifica-se muito a prática do *Ku ti Thuva* (juntar-se a um homem ou mulher sem a observância dos procedimentos tradicionais, como é o caso da apresentação e do lobolo), o que agudiza os casos de exigência do lobolo de cadáver na medida em que os indivíduos que o exigem, foram orientados com base nos preceitos que defendem a realização da tradição do lobolo de cadáver, isto é, eles crescem a saber que uma mulher deve ser lobolada.

A continuidade do lobolo de cadáver nos dias de hoje, explica-se pelo facto de existir uma necessidade de a família da mulher tomar conhecimento do local e da pessoa com quem vivia a sua filha com vista a permitir que o homem seja devidamente recebido, em caso de precisar de resolver algum problema ou mesmo visitar os filhos. Aliado a isso, está o facto de os pais da mulher não acreditarem na morte da filha, quando ela perde a vida em casa de um homem que não a lobolou. Assim para acreditarem que ela morreu o marido deve lobolar o cadáver da esposa.

Neste estudo também constatamos que as representações sociais que os indivíduos têm sobre o lobolo de cadáver, como uma prática inserida na sua tradição, contribuem no exercício da mesma no seu quotidiano, isto é, o agir das famílias que exigem o lobolo de cadáver é orientado pelo significado que eles atribuem a esta prática.

Já no que se refere as motivações que levam o noivo a não realizar o lobolo, mesmo sabendo que um dia será exigido coercivamente, os entrevistados consideram que por vezes não é por falta de vontade, mas sim de condições financeiras e o facto de os familiares da mulher dificultarem o processo, como afirmam os *entrevistado A*:... *Não é que ele não faz por falta de vontade, as vezes é devido a falta de condições ou mesmo as próprias famílias criam barreiras...*

...”Bem, a vida é complicada, nem todos têm condições para tal. Sabe-se que este tipo de cerimónia exige muita coisa”.... (Entrevistados E e H)

Na mesma senda, alguns actores consideram que mesmo quando o noivo reúne condições financeiras que possam lhe permitir realizar o lobolo, ele não lobola antecipadamente por falta de

interesse e amor pela esposa como referem os entrevistados D, F e H. “*Ele não lobola porque não tem amor pela esposa, muito menos pensa no futuro*”... “*Muita gente agora não lobola porque não se interessa em aproximar junto dos pais*”.

...é desleixo, desprezo ...outros nem tem consciência de que a mulher pode vir a morrer antes dele, já que se convencionou que é o homem que morre antes... (Entrevistado K)

Outros ainda defendem a posição de que o noivo sempre tem esperança de lobolar, mas o dia da morte da esposa acaba chegando antes de se cumprir com a tradição, como refere o entrevistado G... “*Esse é o problema das pessoas, porque muita gente pensa que ter mulher é apanhar na estrada ou na escola e carrega-la para casa e isso não é correcto*”....

O estudo também constatou que esta prática tem sido caracterizada por conflitos que surgem devido ao valor cobrado e pelo facto de uma das famílias não partilhar a tradição de lobolo ou mesmo estar filiada a uma religião em que os seus crentes não devem se envolver em assuntos como lobolo de cadáver. Aliás como defende a fenomenologia, o conhecimento do homem que age e pensa dentro do mundo da vida não é homogéneo, não está livre de contradições, daí que surgem conflitos. A fenomenologia, considera que o significado que acção possui para o actor, pode não ser o mesmo que essa mesma acção tem para quem se dirige. Para além disso Shutz apud Crespi (1997), sublinha a importância da dimensão cultural do agir, isto é, o significado duma acção pode variar, conforme a referência dos indivíduos dos quais possui a experiência directa no meu ambiente social actual mas também para o indivíduo que realiza a acção, ela pode ter um significado diverso: antes de realizar (como projecto); enquanto a coloca em acto (como vivência) e depois de a acção ser realizada, isto é como memória.

3.2.2 Lobolo de cadáver e razões da sua exigência

O desconhecimento do marido da defunta como alguém com legitimidade para informar a família da mulher sobre o seu falecimento, devido ao facto de não ter lobolado tem sido uma das alegações dadas para que se exija o lobolo de cadáver: *Exige-se o lobolo porque o genro não é conhecido. É como se o homem tivesse sequestrado a filha da sua família... (Entrevistado I)*

O bem-estar dos filhos, da família da mulher falecida e a crença de que o lobolo é uma tradição já prevista nas normas sociais, são outras alegações que têm sido levantadas para a continuação da prática do lobolo de cadáver na cidade de Maputo. Este facto encontra uma ligação na fenomenologia de Shutz apud Wagner (1979), na medida em que, ela considera que o mundo da vida quotidiana, significará, o mundo intersubjectivo que existia muito antes do nascimento, vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores, como um mundo organizado. A interpretação que os actores sociais fazem do lobolo de cadáver se baseia num estoque de experiências anteriores a eles, pois segundo Shutz apud Wagner (1979), as nossas próprias experiências e aquelas que nos são transmitidas por nossos pais e professores, as quais na forma de “conhecimento mão”, funcionam como código de referência. Isto mostra o papel que a socialização desempenha na transmissão dos valores do lobolo, o que resulta na orientação do agir ou da acção dos indivíduos que na vida quotidiana exigem a realização do lobolo de cadáver na cidade de Maputo.

Como fizemos referência nas páginas anteriores, os valores culturais que defendem a prática do lobolo, transmitidos durante a socialização dos indivíduos orientam a realização do lobolo de cadáver. A partir da apresentação e discussão dos resultados de campo, a hipótese é confirmada na medida em que os indivíduos realizam o lobolo de cadáver porque o consideram uma tradição que deve ser cumprida com vista a garantir a protecção dos filhos do casal dos maus espíritos e outros males sociais, que podem resultar da falta do exercício desta prática. Este significado que eles atribuem ao lobolo de cadáver é segundo os entrevistados, resultado de uma aprendizagem, onde eles são ensinados que uma mulher deve ser lobolada, mas também há uma explicação adicional, cuja motivação da exigência e sua realização nos parece uma punição do viúvo pelo

facto de não ter realizado o lobolo da mulher ainda em vida, uma vez que a família da defunta diz não reconhecer ou acreditar que a filha perdeu a vida, porque não sabia do seu paradeiro e com quem ela vivia, razão pela qual o viúvo ou os seus parentes, quando vão informar a família da defunta sobre o sucedido, é lhes exigido o lobolo de cadáver, em muitas ocasiões condicionando o funeral, cobrando dinheiro e transladação do corpo à terra natal. Os resultados desta pesquisa nos levam a concordar com Bagnol (2008), quando refere que o lobolo permite estabelecer uma comunicação entre os vivos e os seus antepassados e o restabelecimento da harmonia social, inscrevendo o indivíduo numa rede de relações de parentesco e de aliança tanto com os vivos como com os mortos. Consideramos ainda que apesar de esta prática ser moralmente condenada, ela vai persistir na comunidade na medida em que ela é considerada pelas famílias que a exigem, uma tradição. A tradição é caracterizada pela repetição ou reprodução quase de forma obrigatória do conhecimento transmitido durante a socialização primária dos actores sociais, pois as experiências anteriores, imbuídas de significado estruturam a acção dos indivíduos no quotidiano.

Conclusão

O estudo, tinha como objectivo geral analisar as representações sociais sobre os preceitos que propiciam a realização do lobolo de cadáver entre as famílias moçambicanas na cidade de Maputo. Para o alcance deste, o objectivo específico era compreender os elementos sociais que concorrem na fomentação desta prática nos distritos municipais de KaMpfumo, KaNhlamankulu, KaMaxakeni, KaMavota e KaMabukwana.

À luz da fenomenologia como uma teoria que nos permite captar o significado subjectivo que os indivíduos atribuem à sua acção e como eles interpretam os fenómenos da vida quotidiana, procedemos a análise das representações sociais sobre os preceitos do lobolo de cadáver na cidade de Maputo, tendo como questão de orientação a seguinte: *De que forma as representações sociais sobre os preceitos do lobolo de cadáveres propiciam a realização desta prática entre as famílias moçambicanas na cidade de Maputo?*

De um modo geral este estudo chega a duas conclusões:

- i) As famílias realizam o lobolo de cadáver porque o consideram uma tradição que deve ser cumprida com vista a garantir a protecção dos filhos do casal dos maus espíritos e outros males sociais como a falta de emprego, azar e doenças, que podem resultar da falta do exercício desta prática, na medida em que ela está prevista nas normas sociais da comunidade *tsonga*;
- ii) O lobolo de cadáver é exigido pelo facto de a família da defunta não reconhecer ou acreditar que a filha perdeu a vida, uma vez que não sabia do seu paradeiro e com quem ela vivia, razão pela qual o viúvo ou a sua família, quando vai informar a família da defunta, é exigido o lobolo pois é como se ele tivesse a sequestrado.

A continuidade desta prática prende-se com o facto de existir uma crença segundo a qual o lobolo não caduca razão pela qual há sempre mecanismos de coerção para a sua exigência, daí que ele é realizado em vida ou mesmo na morte e aos olhos dos actores sociais o lobolo é uma tradição que deve ser cumprida pois, ela estabelece os mecanismos para as raparigas saírem da casa dos pais e construir uma nova família com o marido.

As mudanças que se operaram na forma como as mulheres vão ao lar hoje, contribuem para o crescimento de casos de lobolo de cadáveres pois, as pessoas juntam-se sem a observância da tradição de lobolo (*Ku Ti Thuva*).

Em função do significado que os entrevistados atribuem à prática do lobolo de cadáver, os actores orientam o seu agir e a interpretação do mundo vida. Assim a socialização dos indivíduos com base nos princípios tradicionais que defendem que uma mulher deve ser lobolada e a crença de que não há caducidade do lobolo, propiciam a prática do lobolo de cadáveres na cidade de Maputo. Isto foi constatado durante análise das entrevistas que realizamos, em que os actores sociais afirmavam que nasceram e cresceram a saber que uma mulher deve ser lobolada, quer seja, em vida ou mesmo morta, devido aos efeitos que isso pode provocar sobre os filhos do casal e todas gerações vindouras.

Referências Bibliográficas

COVANE, Luís António: “Considerações sobre o impacto da penetração capitalista no sul de Moçambique 1850-1876” Comunicação apresentada na reunião internacional de história de África: Relação Europa-África no 3º quartel do séc. XIX. Lisboa, 10 ao 13 de Outubro de 1988. PP. 91-104 525-534

CRESPI, Franco. Manual de Sociologia da Cultura. Lisboa: Editorial Estampa, 1ºed, 1997. PP.118-124

FORUM MULHER. Relações de Famílias em Moçambique: Alterações introduzidas pela nova lei da Famílias. HS Lda. SL. Sd

GIDDENS, Anthony. Tradição. In: O mundo em descontrolo: O que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2000. Pp.47-60

GIL, António Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo. Editora Atlas. 1999

GRANJO, Paulo. Lobolo em Maputo: Um velho idioma para novas vivências conjugais. Porto: Campo de Letras-Editores. S.A, 2005. P.17-53

JUNOD, Henri. Usos e Costumes dos Bantu. Arquivo Histórico de Moçambique.1996. PP. 470-474

MARCONI, Maria de Andrade e LAKATOS, Maria Eva. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2007

SCHUTZ, Alfred. A Fenomenologia. In: WAGNER, Helmut R. (Org). Fenomenologia e Relações Sociais. Rio de Janeiro: Zahar Editores.1979. PP. 53-76

SITOE, Bento. Dicionário Changana – Português. Maputo.1993. PP.185

WILSA, Famílias em Contexto de Mudanças em Moçambique. Maputo: Editora de Maputo, SARL. 2001. PP. 60-67

Artigos de jornal

LICUSSE, Mateus. Lobolo do defunto não deve ser permitido. *Jornal Notícias*, Maputo, 24 de Janeiro de 2012. Opinião. PP.21

MATUSSE, Samuel. Lobolar Cadáver é Legal. *ZAMBEZE*, Maputo, 17 de Fevereiro. 2011. Tinfanelo Tavumhuno (Direitos Humanos). PP. 6

MUNDLOVO, Aurélio. Um olhar sobre o lobolo. *Jornal Noticias*, Maputo, 1 de Fevereiro de 2012. PP.21

Outras fontes

BAGNOL, Brigitte. *Lovolo* e espíritos no Sul de Moçambique. *Análise Social*, vol. XLIII (2.º). 2008. P.251-272. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n187/n187a03.pdf>. Acessado em: 17 de Novembro. 2010.

CASTRO, Paula. Notas para uma leitura da teoria das representações sociais em S. Moscovici. *Análise Social*, vol. XXXVII (164), 2002, 949-979. Disponível em <http://www.análise-social.ics.ul/pt/documentos/>

MÚSICA, General. *Wassati wa Lovoliwa*. S.L. 2008

Anexos

Universidade Eduardo Mondlane

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Sociologia

Inquérito

O presente Inquérito tem como objectivo avaliar o nível de conhecimento dos inquiridos em relação a prática do lobolo de cadáveres na cidade Maputo.

Caracterização

1. Sexo

1.1	Masculino	1.2	Feminino

2. Estado Civil

2.1	Solteiro	2.2	Casado	2.3	Divorciado	2.4	Viúvo

3. Idade

3.1	[15-25[3.3	[40-55[3.5	[70-85[
3.2	[25-40[3.4	[55-70[3.6	[85-100[

4. Habilitações literárias

4.1	Não estudou	
4.2	Ensino primário do 1º Grau	
4.3	Ensino primário do 2º Grau	
4.4	Ensino secundário do 1º ciclo	
4.5	Ensino secundário do 2º Ciclo	
4.6	Ensino técnico básico	
4.7	Ensino técnico médio	
4.8	Bacharel	
4.9	Licenciado	
4.10	Mestrado	
4.11	Doutorado	

5. Residência (Distrito Municipal)

5.1	Ka Mfumo	
5.2	Ka Lhamanculo	
5.3	Ka Maxaquene	
5.4	Ka Mavota	
5.5	Ka Mubukuana	
5.6	Município da Matola	

Principais questões

6. Alguma vez ouviu falar do lobolo de cadáveres? (Se respondeu não, passa para a questão nº8).

6.1	Sim	
6.2	Não	

7. Onde ouviu?

7.1	Em Casa	
7.2	Com amigos	
7.3	Na TV	
7.4	Rádio	

7.5	Jornal	
7.6	Vizinhos	
7.7	Outro, especifique	

8. Porque as pessoas exigem o lobolo de cadáveres?

8.1	Para preservar a tradição	
8.2	Um ajuste de contas	
8.3	Para preservar os costumes	
8.4	Para proteger a família dos espíritos	
8.5	Para gratificar os pais	
8.6	Para comunicar os espíritos que a mulher saiu de casa	
8.7	Porque são instruídos a fazer	
99	Não sabe	

9. Porque é que algumas famílias aceitam fazer o lobolo de cadáveres?

9.1	Porque é uma tradição	
9.2	Porque tem medo de terem problemas sociais na família.	
9.3	Porque é uma regra que deve ser cumprida	
9.4	Outro, especifique	
99	Não sabe	

10. Porque é que o noivo mesmo sabendo que um dia poderá ser exigido a realizar este lobolo, ele não o faz?

10.1	Por falta de condições financeiras	
10.2	Porque a família da esposa dificulta	
10.3	Por falta de interesse em lobolar	
10.4	Porque para ele não tem lógica lobolar uma mulher que não lhe será útil.	
10.5	Porque o valor do lobolo é exorbitante	
10.6	Porque ele descobre que ela não é a mulher ideal	
10.7	Outro, especifique	
99	Não sabe	

11. Porque é que surgem conflitos quando a família da mulher exige o lobolo de cadáveres?

11.1	Porque para o homem, não faz sentido lobololar uma mulher morta	
11.2	Porque o homem não está preparado	
11.3	Não partilha a mesma tradição com a família da Mulher	
	Outro, especifique	
99	Não sabe	

12. Que alegações tem sido dadas para a exigência do lobolo de cadáveres?

12.1	Alega-se que é para o bem-estar dos filhos	
12.2	Alega-se que a família não conhece o homem	
12.3	Alega-se que o homem desrespeitou a família da mulher	
12.4	Outro, especifique	
99	Não sabe	

13. Acha que este tipo de lobolo devia existir na sociedade.

13.1	Sim	
13.2	Não	
99	Não sabe	

14. Na sua opinião este tipo de lobolo contribui na preservação da nossa cultura?

14.1	Sim	
14.2	Não	
14.3	Talvez sim	
99	Não sabe	

Maputo, Março de 2012
Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

Guião de entrevista

A presente entrevista tem como objectivo analisar as representações sociais em torno do lobolo de cadáveres e a sua relação com o conflito que o tem caracterizado nas comunidades da cidade de Maputo.

Caracterização do entrevistado

Sexo	Estado Civil	Habilitações literárias	Profissão
Idade	Residência	Situação social	Religião

Principais questões

O que entende por lobolo de cadáveres?

Já presenciou alguma cerimónia deste tipo?

Quando e como é que se realiza o lobolo de cadáver?

Na sua opinião, o que explica a existência deste tipo de lobolo?

O que explica que, nos dias de hoje, ainda se pratique este tipo de lobolo?

O noivo mesmo sabendo que um dia poderá ser exigido a realizar este lobolo, ele não o faz. Por quê?

O que caracteriza este tipo de lobolo?

Na sua opinião porque é que surgem conflitos quando a família da mulher exige o lobolo de cadáver?

Que alegações tem sido levantadas para a continuação da prática do lobolo de cadáver na cidade de Maputo?

Na sua opinião, o que faz com que as pessoas exijam a prática do lobolo de cadáveres?

Maputo, Março de 2012
Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

Longoloxo wa svivitiso – Guião de entrevista

Svi vitisu wa ntsima-ntsima – Principais Perguntas

- Utiva yini mayelana ni ku lovola ntsumbo?
- Wa kê wu kumeka ka ti mhamba taku fambelana ni leti?
- Hi nkarhi wihi, nakona li yendlisiwa kuyini ku lovola ka ntsumbo?
- Ka mavonela yaku, intsvini svi tlamuxalaka ku kumeka ka lovolo leyi?
- Intsvini svi tlamuxela ka masiku nyanwaka, sviyendlo sva muxaka lowu?
- Mulovoli nambi a tiva svaku linwana siku ata londziwa lovolo leyi, anga mayi. I hi kola ka yini?
- Intsvini svi kombaka vukonala mutxado lowu?
- Ka mavonela yaku, ihayini ku humelela tihanyi loko ndjando wa nsati wu londza ku lovoliwa ka ntsumbo?
- Hi xihhi xivanguelo xi yendlaka xi simamisaka lovolo la mintsumbo doropeni laka Maputso?
- Ka mapimo yaku, hixihi xivanguelo xi yendlaka kuva van ova londza ku simama ku lovoliwa ka ntsumbo?

Maputso, Nyenyankulo wa 2012

Sinopse de entrevistas

Questões	Entrevista										
	A ⁱ	B ⁱⁱ	C ⁱⁱⁱ	D ^{iv}	E ^v	F ^{vi}	G ^{vii}	H ^{viii}	I ^{ix}	J ^x	K ^{xi}
1. O que entende por lobolo de cadáveres?	uma mulher morta, ...	pagar pelos filhos que teve com ela, ...	uma mulher morta, ...	uma pessoa morta, ...	uma pessoa morta, ...	uma pessoa morta, ...	Uma pessoa morta, ...	uma mulher morta, ...	uma mulher morta, ...	uma mulher morta, ...	uma mulher morta, ...
2. Já presenciou o lobolo do cadáver?	sim	nunca	sim	sim.	nunca.	sim	não	sim	sim	sim	sim e dirigi
3. Quando e como se realiza a cerimónia?	Apresentação	falta do lobolo, tem que se levar bebidas	Falta do lobolo; bebidas	Falta do lobolo; bebidas	Falta do lobolo; fatos e bebidas	Leva-se tudo	Falta do lobolo; roupas e dinheiro	Falta do lobolo; leva-se tudo	Falta do lobolo; paga-se dinheiro.	Falta do lobolo;	Falta do lobolo - leva-se dinheiro,
4. Porque existe o lobolo de cadáveres?	Sensibilizar os jovens	desconhecimento do homem	Desconhecimento do homem	proteger os filhos dos espíritos maus	é uma tradição	A pessoa tem que ser lobolada	Questões financeiras	Devido a nossa tradição	A morte da filha não é reconhecida	Custo de vida	Previsto nas normas sociais
5. Porque continua a prática?	Não respondeu	Para que os rapazes sejam conhecidos na sagraria	Não sabe	Evitar problemas espirituais	Evitar problemas espirituais	Vontade da família	Problemas financeiros	Porque é uma tradição	Não há reconhecimento da morte	Os homens não lobolam	Tradição Tsonga

Lobolo de Cadáver: um estudo sobre as representações sociais desta pratica na cidade de Maputo

6. Porque o noivo não faz o lobolo?	Condições	Não sabe	Não sabe	Não pensa no futuro	Condições	Falta de interesse	Falta de conhecimento	Desgraçou a rapariga	Condições financeiras	Condições financeiras	Falta de interesse
7. O que caracteriza a pratica?	Conflito, pânico e Stress	Conflito	Não sabe	Conflitos	Não sabe	Não sabe	Conflitos	Conflitos	Conflitos	Derrota psicológica	Dinheiro
8. Causas do conflito	Nega-se que a realização do funeral	Dinheiro	Não sabe	O noivo não aceita lobolar	A religião não aceita	Nega-se que a realização do funeral	Oportunismo	Dinheiro do lobolo	Dinheiro do lobolo	Dinheiro	Emoção
9. Alegações para a continuação da prática.	Falta de conhecimento do paradeiro da filha	Protecção dos filhos contra maus espíritos	Falta de conhecimento do noivo	Falta de conhecimento do noivo	Protecção dos filhos contra maus espíritos	Era desejo do pai ver a filha lobolada	Falta de conhecimento do paradeiro da filha	Protecção dos filhos contra maus espíritos	Falta de conhecimento do paradeiro da filha	Falta de conhecimento do noivo	Alega-se a tradição
10. O que faz com que se exija o lobolo de cadáveres?	Falta de cultura	Evitar que os filhos do casal tenham problemas	Não sabe	Evitar que os filhos do casal tenham problemas	É uma tradição	Complicar as coisas	Dificuldades financeiras	Para evitar que os filhos do casal tenham problemas	A falta de reconhecimento do local onde vivia a filha	Tradição	Tradição

- ¹ Entrevista com um orivés, realizada no bairro de Bagamoio. 20.03.12
- ¹ Entrevista com um camponês, realizada no bairro do Benfica. 20.03.12
- ¹ Entrevista com uma doméstica, realizada no bairro de Benfica. 20.03.12
- ¹ Entrevista com uma camponesa, realizada no bairro do Zimpeto. 20.03.12
- ¹ Entrevista com um Pintor Auto, realizada no bairro 25 de Junho. 21.03.12
- ¹ Entrevista com um Cooperativista, realizada no bairro de Bagamoio. 23.03.12
- ¹ Entrevista com um agricultor, realizada no bairro de Chamanculo, agência do StandardBank. 25.03.12
- ¹ Entrevista com uma vendedeira, realizada no bairro 25 de Junho. 27.03.12
- ¹ Entrevista com um Guarda, realizada no bairro de Bagamoio.27.03.12
- ¹ Entrevista com um Técnico administrativo. Realizada na baixa da cidade de Maputo, Ministério da função pública. 28.03.12
- ¹¹ Entrevista com um assessor de imprensa da Help Age Internacional. Realizada no bairro de Chamanculo. 05.05.12

-
- ⁱ Entrevista com um orivés, realizada no bairro de Bagamoio. 20.03.12
- ⁱⁱ Entrevista com um camponês, realizada no bairro do Benfica. 20.03.12
- ⁱⁱⁱ Entrevista com uma doméstica, realizada no bairro de Benfica. 20.03.12
- ^{iv} Entrevista com uma camponesa, realizada no bairro do Zimpeto. 20.03.12
- ^v Entrevista com um Pintor Auto, realizada no bairro 25 de Junho. 21.03.12
- ^{vi} Entrevista com um Cooperativista, realizada no bairro de Bagamoio. 23.03.12
- ^{vii} Entrevista com um agricultor, realizada no bairro de Chamanculo, agência do StandardBank. 25.03.12
- ^{viii} Entrevista com uma vendedeira, realizada no bairro 25 de Junho. 27.03.12
- ^{ix} Entrevista com um Guarda, realizada no bairro de Bagamoio. 27.03.12
- ^x Entrevista com um Técnico administrativo. Realizada na baixa da cidade de Maputo, Ministério da função pública. 28.03.12
- ^{xixi} Entrevista com um assessor de imprensa da Help Age Internacional. Realizada no bairro de Chamanculo. 05.05.12